

Vitoriosa a Revolução de 1930, nuncia de tamanhas esperanças, a maior preocupação dos vitoriosos (entenda-se, os que ocuparam as posições, não os que ajudaram a conquistá-las) foi fortificar-se no poder, violando embora todos os compromissos do movimento. Surgiu assim, logo aos primeiros meses, a Legião de Outubro, paródia da milícia fascista, mediante a qual se asseguraria ao sr. Getúlio Vargas, no mínimo, uma ditadura de dez anos. Vimos assim o venerando Olegário Maciel, único governador que a Revolução, ~~desceram à rua, vestindo a camisa caqui~~ A Revolução, o sr. Oswaldo Aranha, principal ideador da organização, desceram à rua, vestindo a camisa caqui. A Revolução, porém, que se propunha regenerar o País, ainda não tivera tempo de o perverter e a Legião de Outubro não pôde vingar, não obstante soprasse pelo planeta o espírito totalitário, que alguns anos depois nos traria o Estado Novo. Importante e decisivo papel, nesta luta contra o primeiro ensaio fascista, teve este nosso jornal. Expressando todo o idealismo com que os Libertadores haviam participado da Revolução que se dizia liberal, o «Estado do Rio Grande» foi, desde os primeiros dias da vitória, a sentinela vigilante, a denunciar os primeiros erros e desvios. Sendo ele órgão da corrente mais tipicamente revolucionária, tinham os seus editoriais larga repercussão na Capital da República e em todo o País. Alguns artigos vibrantes, como costumavam ser os seus, porque inspirados nos verdadeiros ideais revolucionários, feriram de morte a nascente Legião de Outubro. Esta não sobreviveu, embora persistisse e mais tarde ressurgisse o espírito totalitário que a inspirava.

Isto é, porém, história antiga, pois já lá vai um quarto de século. Depois tivemos oito anos de regime autoritário, mas sem legiões, tão desmoralizado ficara o instituto com a malograda tentativa. Agora, entretanto, reaparecem as legiões. E em situação mais grave e com caráter mais maligno. A situação é esta, de geral deliquescência. O caráter é o de suporte de uma ditadura puramente pessoal, pois a legião agora chama-se Legião Cívica General Lott. A Legião de Outubro, embora procurasse escudar o poder pessoal do sr. Getúlio Vargas, apresentava-se como órgão de defesa de uma revolução, conquanto transviada e degradada. Agora, nada há na cena, senão um caudilho militar, afeiçoado à boa maneira latino-americana, apesar dos seus cursos de Estado Maior.

Quem desta vez dá o brado de alarme é o «Jornal do Brasil», de 24 de fevereiro. Três vereadores balanços vieram ao Rio e foram recebidos pelo Ministro da Guerra, que com

com eles conversou cordialmente e largamente fundaram na cidade

dade do Salvador a Legião Cívica General Lott. E vão fundar outra em Niterói. Em São Paulo também se cuida disto.

Tudo muito inocente — dizem os fundadores. Simples legiões cívicas...

Mas, que espécie de civismo será este, a julgar pelo patrono? E' evidentemente um civismo fortemente armado, um civismo que dispõe do Ministério da Guerra, pelo menos; um civismo que rasgou a Constituição, depôs dois presidentes, mantém outro sob custódia e domina o Congresso pelo temor da dissolução. Concedamos que isto seja civismo, mas é civismo muito perigoso. Haveria tal cristalização de civismo em torno do sr. Henrique Teixeira Lott, se ele não fôsse general e, muito mais do que isto, Ministro da Guerra e, portanto senhor dos exércitos?

Não o perceberá o Presidente da República? Não sentirá a ameaça que sobre ele pesa e estende a sua sombra às instituições? Talvez suponha ele, por ser a hipótese mais cômoda, que estas legiões cívicas não o visam pessoalmente e outra coisa não pretendem, senão fazer do Ministro da Guerra o seu sucessor constitucional.

Concedamos que, por ora, não haja, em torno da pessoa do general Teixeira Lott, outra coisa, senão um movimento meramente eleitoral e que ele mesmo não esteja senão preparando a sua candidatura à Presidência da República. Ele deseja ardentemente o poder, mas com o batismo da legalidade constitucional. Admitamo-lo. Que sucederá, se algum obstáculo surgir no seu caminho? Ou se algum acidente ocorrer na política do País? Então, o novo Cesar terá tudo pronto para transpor o Rubicon: terá por si a força e as aclamações populares. E mais prontamente e mais seguramente realizará ele o seu desejo imperial.

O sr. Juscelino Kubitschek não pode, pois, considerar com indiferença a fundação da Legião Cívica General Lott, supondo que o seu mandato não esteja em causa. Poderá estar e, com ele, em causa estará a sorte da instituição representativa. Se esta última razão não é capaz de movê-lo, movase ao menos a defesa do seu próprio mandato.

De toda forma, o que não se concebe e, por isto, não se admitiria se outro fôsse o País, é que o Ministro da Guerra esteja a organizar legiões de caráter político, valendo-se da força material que o cargo lhe empresta. Ou a política, ou as armas, tal o dilema que lhe deveria propor o Presidente da República, se tivermos ânimo para tanto.